



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



CULTURA
ACADÊMICA
Editora

Apresentação

Monique Hulshof
Ubirajara Rancan de Azevedo Marques

Como citar: HULSHOF, M.; MARQUES, U. R. de A. Apresentação. *In:* HULSHOF, M.; MARQUES, U. R. de A. (org.). **A linguagem em Kant. A linguagem de Kant.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018. p. 11-16.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2018.978-85-7249-010-8.p11-16>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

APRESENTAÇÃO

Ainda que não seja abordado de maneira explícita em sua obra, o problema da linguagem se faz presente em quase todos os escritos de Kant. Sejam estes de caráter teórico ou prático, sobre lógica, moral, história ou antropologia, são diversas e muito ricas as referências de Kant sobre a fala, a comunicação dos pensamentos, o uso público da razão, as diferentes formas de expressão e a variedade das línguas. Não são raras também suas reflexões sobre a sua própria linguagem, que se manifestam em sua maneira peculiar de compreender a filosofia e na importância que atribui ao modo de exposição de seus pensamentos.

Em outubro de 2017, o já tradicional Colóquio de Marília, que tem reunido professores e pesquisadores para debater temas variados da filosofia kantiana, proporcionou mais uma vez um encontro entre diversos pesquisadores, provenientes de diferentes instituições de pesquisa do Brasil e do exterior, com o intuito de travar, desta vez, uma viva conversa em torno da linguagem em Kant e da linguagem de Kant. A partir dos debates realizados durante o encontro, as comunicações foram posteriormente desenvolvidas e ampliadas de modo a compor os capítulos do livro que o leitor tem agora em mãos.

Este livro surgiu, assim, como um conjunto de pontos de vista distintos e complementares em torno da presença da linguagem na filosofia kantiana. Essas diferentes perspectivas se entrelaçam em dois eixos

<https://doi.org/10.36311/2018.978-85-7249-010-8.p11-16>

principais. No primeiro, são abordadas as reflexões sobre a linguagem feitas por Kant em diferentes momentos de sua obra: a linguagem da filosofia, a linguagem poética, a linguagem do conhecimento e das ciências naturais, a linguagem na política. No segundo eixo, são construídos diálogos, reais ou possíveis, entre Kant e outros pensadores, como Hamann, Hegel, Foucault e Wundt.

Não haveria melhor ponto de partida para o livro do que a discussão sobre o significado da linguagem da filosofia kantiana. Assim, o percurso do leitor inicia-se com Leonel Ribeiro dos Santos localizando a linguagem da filosofia crítica de Kant no interior do debate entre a chamada “filosofia popular” (*Popularphilosophie*) e a filosofia escolar (*Schulphilosophie*). De um lado, o autor procura dissolver os preconceitos de que a filosofia crítica seria inteiramente oposta à “filosofia popular”. De outro, desvela a complexidade da relação de Kant com a filosofia escolástica alemã, de matriz wolffiana. Ribeiro dos Santos ressalta, desse modo, que a preocupação de Kant com a linguagem de sua filosofia mostra-se não apenas no cuidado que o filósofo tem com a exposição de seu pensamento a partir da ideia de sistema, mas também na intenção de atribuir-lhe um caráter popular. Por fim, ao notar a importância da linguagem poética na filosofia de Kant, o autor como que antecipa a temática dos dois capítulos seguintes do livro.

O leitor encontra uma primeira abordagem sobre a linguagem poética na obra de Kant na leitura de Bernd Dörflinger sobre a primazia da poesia em relação às belas artes. A defesa, feita por Kant, da poesia como forma de expressão superior às demais artes é inicialmente tematizada a partir de três aspectos da antropologia pragmática: a *facticidade*, ou o caráter de observação empírica; a *potencialidade*, isto é, o que o ser humano pode fazer de si mesmo; e a *normatividade*, ou o que o ser humano “deve” fazer de si mesmo. Dörflinger utiliza, contudo, a relação entre a poesia e a antropologia pragmática como ocasião para discutir de maneira mais ampla e complexa a primazia da poesia, na medida em que esta é apresentada por Kant como a arte que permite a melhor expressão das ideias estéticas, dada a excepcional capacidade de representação artística que a linguagem oferece. Essa compreensão de Kant sobre a linguagem poética é elucidada

por Fernando Silva por outro viés, que ressalta uma tensão existente na poesia, uma vez que esta deve encontrar imagens para exprimir representações inefáveis e ao mesmo tempo torna-las universalmente comunicáveis, ou seja, compreensíveis, do mesmo modo, para o espírito de todos.

Inaugurando no livro a perspectiva teórica sobre a linguagem na obra de Kant, Isabel Fragelli apresenta algumas reflexões a respeito do discurso teórico sobre o organismo na filosofia crítica. A autora discute em que medida a teoria do vivo, exposta na terceira *Crítica*, pode ser compreendida como aprofundamento do debate em torno dos problemas colocados no momento em que a fisiologia começava a constituir sua linguagem própria e a adquirir assim autonomia enquanto ciência natural. Ubirajara Rancan de Azevedo Marques continua a discussão acerca do discurso teórico de Kant sobre a fisiologia trilhando um caminho distinto. Ao explicitar o significado dos termos relacionados à embriologia no capítulo da Arquitetônica da *Crítica da razão pura*, o autor procura desfazer um aparente conflito presente no uso que Kant faz das metáforas da geração equívoca, da pré-formação e da epigênese dos conceitos e princípios da razão.

Ainda no contexto da filosofia teórica de Kant, os dois capítulos seguintes dedicam-se à linguagem de Kant na *Crítica da razão pura*. Joel Klein levanta a hipótese de que as diferentes distinções entre fenômenos e coisas em si mesmas têm sua origem nos diversos níveis argumentativos da reflexão transcendental proposta por Kant. Klein sugere que, longe de excluir os demais, cada aspecto novo da distinção é inserido por Kant de modo a pensar um novo problema teórico. Já Diego Kosbiau Trevisan explora a nova terminologia trazida por Kant da jurisprudência e introduzida em momentos decisivos da exposição da primeira *Crítica*. Trevisan concentra suas reflexões na particularidade do termo “dedução”, sugerindo que o sentido do termo só pode ser devidamente compreendido à luz do significado que possuía na jurisprudência da época.

Nos dois capítulos seguintes o leitor encontra algumas considerações sobre a linguagem no âmbito político do pensamento de Kant. Monique Hulshof sugere que, apesar de caracterizar a linguagem das mulheres como “eloquente”, Kant limita o uso dessa linguagem ao âmbito doméstico, excluindo o sexo feminino do debate público e das decisões

políticas. A autora então contrasta a posição sexista de Kant com a reivindicação dos direitos civis das mulheres feita na mesma época por Mary Wollstonecraft, que exige o reconhecimento da capacidade intelectual das mulheres para falar e pensar por si mesmas. De outro lado, Luigi Caranti reflete sobre o termo democracia no pensamento político kantiano, procurando dissolver a aparente oposição entre a dura crítica que Kant faz sobre o conceito de democracia e a defesa de que as leis só adquirem legitimidade quando podem ser consentidas por todos. Ao afastar-se das interpretações que defendem se tratar apenas de um mal-entendido gerado pelo uso do termo, Caranti se propõe a explicar qual é precisamente o problema que Kant encontra na democracia enquanto forma de governo.

Iniciando o segundo momento do livro que apresenta o diálogo de Kant com outros filósofos acerca da linguagem, dois capítulos dedicam-se Johann Georg Hamann, contemporâneo a Kant que marcou definitivamente as leituras e objeções dos pós-kantianos à filosofia crítica. A partir de uma análise da *Metacrítica sobre o purismo da razão*, Mario Spezzapria explicita o ponto central de discordância de Hamann com relação ao projeto crítico: ao propor um uso purista de uma razão única, abstrata e universal, Kant teria desconsiderado a anterioridade da linguagem que se forma sempre a partir de línguas particulares, determinadas de modos diversos e marcadas por contextos históricos precisos. A conversa entre Kant e Hamann é apresentada a partir de um outro ponto de vista por José Miranda Justo. Mesmo reconhecendo o abismo entre o “apriorismo kantiano” e o “aposteriorismo hamanniano”, Justo propõe ao leitor convergências inesperadas entre os dois filósofos sobre a questão do ganho de sentido na linguagem. O autor aproxima, assim, a compreensão de Hamann sobre a importância de pensar por si próprio e de “pensar mais” às considerações de Kant sobre o “modo de pensar alargado” e sobre as “ideias estéticas” na *Crítica da Faculdade de Julgar*.

O leitor encontra em seguida dois outros diálogos possíveis: entre Kant e Hegel e entre Kant e Foucault. Pedro Novelli procura tornar explícita a presença textual de Kant no pensamento filosófico de Hegel, particularmente nos momentos em que Kant cita o filósofo nominalmente em sua *Filosofia do Direito*. Marita Rainsborough explora as considerações

sobre a linguagem latentes na filosofia de Kant e explícitas na filosofia de Foucault, a fim de interrogar qual seria a relação dessas considerações com os temas e objetos de seus conceitos filosóficos, de um lado, e com a linguística filosófica presente em suas obras, de outro. Rainsbourough mostra em que medida Foucault se propõe a dar continuidade ao projeto kantiano de Esclarecimento (*Aufklärung*), reconhecendo a importância fundamental da linguagem para a filosofia crítica.

Nos últimos capítulos do livro encontram-se duas perspectivas distintas sobre o papel de Kant para as ciências empíricas. Saulo de Freitas Araújo chama atenção para a influência da linguagem de Kant para o desenvolvimento histórico das ciências empíricas, iluminando particularmente o caso de Wilhem Wundt. O autor explica como a recepção e apropriação dos conceitos da *Crítica da razão pura* são fundamentais para a mudança de perspectiva de Wundt acerca dos fundamentos conceituais da psicologia empírica, na medida em que o leva a abandonar a noção de inconsciente como consistindo em uma ilusão lógica. Já Tristan Guillermo Torriani examina a noção kantiana de “a priori impuro” na *Crítica da razão pura*, com o intuito de argumentar que este conceito deve ser preservado, na medida em que pode nos fazer reconhecer o papel central da linguagem no desenvolvimento do entendimento discursivo. O autor sugere, então, uma conexão inusitada entre o pensamento de Kant e as compreensões da linguagem oferecidas por autores como Piaget e Halliday.

Oferecendo esse conjunto de perspectivas sobre a linguagem de Kant e a linguagem em Kant, os organizadores do livro pretendem convidar o leitor a juntar-se à conversa entre os autores, para refletir sobre essa temática que se abre em muitos caminhos ainda não explorados.